

A gestão dos programas culturais no estado do Rio de Janeiro

Elvis Felipe da Silva Oliveira⁶, José Veríssimo Romão Netto⁷

Introdução

Este texto traz parte da minha atuação profissional e trajetória de vida pessoal, e visa compreender os resultados de programas de Estado sob a juventude carioca, com ênfase em dois programas: O Caminho Melhor Jovem, através do Plano de Autonomia Territorial – um edital para execução de projetos em favelas com Unidades de Polícias Pacificadoras e o Territórios Culturais RJ/Favela Criativa, através do edital Geração Cultura. Ambos são programas de incentivo à produção cultural voltados para as favelas do Rio de Janeiro, sobretudo com foco em jovens produtores, agentes e movimentos culturais. Com início em 2014 e encerrados em 2017 com a finalização dos projetos contemplados em 2016, esse é o período temporal trabalhado neste artigo. Os dados apresentados buscam abranger os resultados das políticas de cultura com o recorte para juventudes periféricas e seus impactos na produção cultural de favelas, sendo possível mensurar os impactos positivos gerados através dos muitos projetos contemplados, tendo um amplo recorte territorial.

Parto do começo dessa experiência, onde atuei enquanto um dos fundadores de um movimento cultural criado pela juventude *rockeira* de Rio das Pedras, comunidade localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A fundação do Cine e Rock na Praça surgiu a partir de uma demanda coletiva por espaços

6 Mestrando em Gestão de Políticas Públicas na Escola de Artes, Ciências e Humanidades – Universidade de São Paulo (EACH / USP).

7 Docente no curso de Gestão de Políticas Públicas na Escola de Artes, Ciências e Humanidades – Universidade de São Paulo (EACH / USP).

de convivência social, além da desmitificação de que todo *rockeiro* seria usuário de drogas, através de um pré-julgamento por medo, repulsa ou até mesmo preconceitos com a juventude. Para atingir esse objetivo, foi realizada uma ocupação cultural pelos integrantes do movimento, assumindo um conjunto de praças e um prédio do CRAS – Centro de Referência e Assistência Social, que estava abandonado durante alguns anos e que, posteriormente, se tornou a sede do coletivo (OLIVEIRA e FERREIRA, 2019). Os jovens haviam sido expulsos dessa mesma praça pública localizada na comunidade meses antes por parte dos milicianos. Isto fez com que migrassem entre muitos espaços do território que, desde sua fundação em meados da década de 1960, é controlado por forças extraoficiais.

Ao longo dos anos, esse poder paralelo se constituiu de militares e ex-militares, oficiais do corpo de bombeiros, policiais civis e militares, assim como agentes penitenciários e outros componentes estatais ligados à “segurança pública”. Conhecido como milícia, era intitulada até 2007, quando houve uma série de atentados a seus contraventores, como “mineira”, em alusão à polícia de Minas Gerais no período da ditadura militar e seu violento modo de ação.

Conflitos de poder e disputas por territórios

Assim como a minha trajetória foi iniciada em meio a situações conflituosas e de disputas em meio ao território, outros jovens periféricos se encontram na mesma situação. É grande o número de comunidades ocupadas por facções responsáveis pelo tráfico de drogas e pela milícia, que se estabeleceu nos últimos anos em diversos locais do Estado. Segundo dados levan-

tados no ano de 2020 pelo jornal El País sobre os casos de “controle social e paralelo” aos moradores da cidade do Rio de Janeiro,

As milícias cariocas já controlam 25,5% dos bairros do Rio de Janeiro, em um total de 57,5% do território da cidade. As três principais facções criminosas do tráfico de drogas — Comando Vermelho, Terceiro Comando e Amigos dos Amigos — possuem juntas o domínio de outros 34,2% dos bairros e 15,4% do território. Ao todo, 3,7 milhões de pessoas vivem em local controlado por algum grupo criminoso, ou o equivalente a 57,1% da população (REBELLO, El País, 2020).

Essa pesquisa se atravessa em contexto de conflitos de poder e de participação social. Por meio dos programas para juventudes existentes à época, fui criando interesse pela produção cultural, o que me levou à busca de diversos editais para o nosso movimento cultural, mas também à minha própria formação, resultando na graduação em Produção Cultural, no Instituto Federal do Rio de Janeiro, e agora no mestrado em Gestão de Políticas Públicas, indo à fundo ao entendimento das políticas públicas e de sua conceituação.

Essa vivência no território foi atravessada por programas de cultura e juventudes estudados, não somente como beneficiário das ações formativas proporcionadas por eles, mas principalmente como proponente contemplado através de projetos culturais, que nos deu a oportunidade de obter a estabilidade de nossas ações. A partir dessas participações, o movimento pôde se estabelecer enquanto organização social, através de sua formalização, completando quase 10 anos de atividade ininterruptas dentro da comunidade, apesar de todas as disputas de poder enfrentadas ao longo desse período. Acredito que outros jovens foram e continuam sendo impactados diariamente por políticas públicas direcionadas à cultura, às juventudes e, sobretudo, às diversas periferias no Estado do Rio de Janeiro.

Projetos beneficiados, recursos financeiros e distribuição entre programas de cultura e juventude no Estado do Rio de Janeiro

Este artigo busca apresentar o contexto do fomento à cultura no Estado do Rio de Janeiro de 2014 a 2017. Este recorte temporal dará margem para análise da agenda política dos governos estaduais e municipais, sendo possível entender como a demanda dos movimentos sociais ocorreram e como os grandes eventos realizados na cidade tiveram influência sobre as políticas de cultura, além do programa de segurança pública das UPPs – Unidades de Polícias Pacificadoras, criado em decorrência do alto índice de violência no período para ocupação das favelas (ROCHA, 2019).

Os programas de incentivo à cultura nas regiões periféricas do Rio de Janeiro surgem em um contexto relacionado aos Megaeventos, a partir de 2014 com a Copa do Mundo e 2016 com os Jogos Olímpicos, proporcionando uma oportunidade para as autoridades estaduais e municipais demonstrarem seu compromisso e engajamento com coletivos, movimentos sociais e culturais que atuam nas periferias.

Neste período houve uma concentração de programas devido a cidade do Rio de Janeiro sediar os megaeventos. A receita estadual era distribuída através da Secretaria de Estado de Cultura, da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos – por um curto período – e da Secretaria de Estado de Esporte, Lazer e Juventude. O programa Caminho Melhor Jovem com seu escopo formativo e localizado principalmente em territórios que possuíam Unidades de Polícia Pacificadora, o programa Territórios Culturais RJ/Favela Criativa e o Ações Locais, que foi um edital de premiação gerido pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio.

Considerações finais

Os objetivos dos programas seriam, para além do atendimento e formação da juventude, o fomento e o incentivo aos projetos de jovens participantes. Esta seria uma maneira de aplicar a formação de maneira prática, através de editais de incentivo proporcionados pelos programas de cultura à juventude. Há uma relação direta entre as ações formativas e o benefício fiscal. Por meio do fomento, no entanto, é possível que haja, para além deste, uma relação indireta com a geração de trabalho e renda em comunidades cujos proponentes beneficiados fazem parte.

Estes são levantamentos parciais para a compreensão dos resultados gerados às juventudes de periferias do Rio de Janeiro. A pesquisa em desenvolvimento busca identificar os agentes culturais e as janelas de oportunidades geradas para os territórios, dos impactos dos projetos e programas implementados. Somente através do diálogo através de rodas de conversas e mapeamentos participativos poderá ser mensurado os resultados locais.

Referências

OLIVEIRA, Elvis Felipe da Silva. FERREIRA, Jéssica Oggioni Gomes. **DA OPRESSÃO A PRODUÇÃO: A ASCENSÃO DE UM MOVIMENTO CULTURAL NA COMUNIDADE RIO DAS PEDRAS**. In: XV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2019. Disponível em: <http://www.xvencult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112431.pdf>.

Acesso em: 16 jul. 2023

REBELLO, Aiuri. **Milícias já dominam um quarto dos bairros do Rio de Janeiro, com quase 60% do território da cidade.**

In: El País, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-10-19/milicias-ja-dominam-um-quarto-dos-bairros-do-rio-de-janeiro-com-quase-60-do-territorio-da-cidade.html#:~:text=As%20mil%C3%ADcias%20cariocas%20j%C3%A1%20controlam,15%2C4%25%20do%20territ%C3%B3rio>. Acesso em: 16 jul. 2023

ROCHA, Lia de Mattos. **Militarização e democracia no Rio de Janeiro: efeitos elegados da “pacificação” das favelas cariocas.** Revista Ensaios, vol. 14, jan-jun de 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensaios/article/download/40135/23115/135072>. Acesso em: 16 jul. 2023.